

Fundação escolhe diretor pelo voto

Custo será repassado à mensalidade

A partir de janeiro do próximo ano as escolas particulares de pré-escolar, 1º e 2º graus do Distrito Federal poderão reajustar as mensalidades de acordo com seus custos. É o que garante a promotora de Justiça da Curadoria Especial de Defesa do Consumidor (Cedec), Ruth Kicis Torrentes Pereira, esclarecendo que, "sem uma nova legislação que regulamente a matéria para o próximo ano letivo, vale o atual decreto governamental 95.921, excluído o seu artigo 3º, que perde a validade em 31 de dezembro de 1988.

O artigo 3º, que não poderá ser aplicado para 1989, determinou como parâmetro base para a correção das mensalidades deste ano, a Unidade de Referência de Preços (URP) e o repasse do reajuste dos professores em março último, data base da categoria.

Intenção

A questão foi discutida ontem por Luiz Cassimiro dos Santos e Omar Abbud, respectivamente presidente e vice presidente da Associação de Pais de Alunos do Distrito Federal (Apa-DF), que procuraram o Cedec com a intenção de mover uma ação contra as escolas particulares que estão "pressionando os pais de alunos a assinarem acordos de reajustes para o próximo ano vinculando-os à garantia de matrícula, o que, de acordo com as normas do Conselho de Educação do DF (CEDF) é ilegal".

A promotora explicou aos representantes da entidade que irá estudar nos próximos dias a legalidade ou não dos acordos. Ressaltou, entretanto, que eles são permitidos segundo o decreto 95.921. "A questão é verificar se eles podem ou não ser vinculados à matrícula", observou.

Diante da indefinição do Ministério da Educação (MEC) quanto a uma nova legislação que regulamente as mensalidades, o presidente da Comissão de Encargos Educacionais do CEDF, Túlio Gregório Filho, apresentará ainda hoje à sua plenária uma minuta de resolução que disciplina o acompanhamento e fiscalização das mensalidades.

Mais de 1 mil candidatos disputarão no próximo dia 10 de dezembro as 381 diretorias das escolas da Fundação Educacional do Distrito Federal em eleições diretas — para se eleger, o candidato precisa de maioria de 51% dos votos. Participarão do pleito alunos com idade acima de 14 anos, professores, funcionários, pais de alunos ou responsáveis e presidentes de associações de bairro.

Em algumas escolas, como no Centro Educacional do Lago Sul; na Escola-Parque da 303/304 Norte; no Centro de Ensino nº 1, do Cruzeiro; e no Centro Educacional nº 1, do Núcleo Bandeirante, existem cinco candidatos na disputa. Mas a média divulgada pela Assessoria de Imprensa da Fundação Educacional é de três candidatos

por escola. Isto porque, se contrapondo às escolas onde existem muitos candidatos, existem outras onde não haverá eleição — as 42 localizadas na zona rural, com uma sala ou duas, apenas.

Exigências

Para ocupar o cargo de diretor, com um mandato de três anos, o candidato deverá ser professor, com formação superior em Administração Escolar ou Educacional ou estar frequentando um dos cursos. Em caso de empate, a Fundação Educacional já estabeleceu que o vencedor será aquele com o curso já concluído.

Se o empate permanecer, prevalecerão, pela ordem, o tempo de serviço, com preferência para o maior; e a idade, vencendo a elei-

ção o candidato mais velho. Quanto ao salário de diretor de escola, não há um valor único. Em cada instituição de ensino ele é diferente, mas representa em média 16% a mais do que o candidato ganhava anteriormente como professor, o que não costuma ser atrativo para a grande maioria.

Tabela

Mas, tanto para os futuros diretores como para os atuais professores, a diretoria da Fundação Educacional preparou uma nova tabela salarial, que deverá ser liberada amanhã. Até o momento, em apenas duas escolas os candidatos, que eram únicos, desistiram da eleição: na Escola Classe nº 12, de Sobradinho, e no Centro Educacional nº 12, de Taguatinga.

Uma campanha está acirrada

Enquanto falta entusiasmo na campanha eleitoral para a escolha dos novos diretores da rede oficial de insumo em quase todo o Distrito Federal, em pelo menos uma escola — o Centro de Ensino para o Trabalho (CET), na Ceilândia — a disputa está acirrada. São candidatos a atual diretora do Centro, Waldelice Magalhães — nomeada ano passado —, o professor Isai Lopes Moraes e o ex-professor Alvim Flores.

Alvim Flores, que foi diretor-interino da escola antes da nomeação de Waldelice Magalhães, continua dando aula na Ceilândia, mas saiu do CET há quase um ano. "Nossa filosofia de trabalho não combinava. Enquanto eu penso o CET como uma escola voltada para a comunidade, a nova diretora alterou a própria filosofia de criação da escola ao praticamente extinguir os núcleos de produção que ajudam os aprendizes em início de carreira".

Pressões

Chamado para competir por um grupo de funcionários, servidores e ex-alunos, Alvim Flores quase não consegue sair candidato. "A professora Waldelice tentou, até a semana passada, impugnar minha candidatura. Só não conseguiu porque tenho ótimo curriculum em pedagogia, acompanhei passo a passo a criação deste centro e sou lotado em Ceilândia há seis anos".

Comunidade ignora as eleições

As eleições nas escolas não despertam o mesmo interesse constatado há três anos, na comunidade escolar. Em 1985, o GDF colocou em prática, pela primeira vez, a democracia na escolha dos diretores dos estabelecimentos de ensino. Ricardo Ottoni, candidato à direção do Centro de Ensino de Taguatinga Norte (CETN), acredita que o problema esteja relacionado ao não cumprimento das promessas feitas nas campanhas anteriores e à exoneração de 18 diretores, em consequência das greves da categoria no período.

Como os cargos ainda são de

confiança da Secretaria de Educação, os diretores podem ser afastados da função de acordo com os interesses do Governo e por isso a campanha eleitoral nas escolas está enfraquecida. Os candidatos esperavam que, na nova instrução normativa, a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) oferecesse aos vencedores a garantia de permanência no cargo. No Centro de Ensino número 11, em Taguatinga, apesar de várias indicações, nenhum professor aceitou ser candidato à diretoria.

Crise

A professora Maria da Concei-

ção Rodvalho explica que sua decisão em não aceitar a candidatura é consequência da atual crise econômica do País. "Sem verbas não teremos como lutar por melhores salários ou melhores condições de ensino", advertiu.

Danielle Martins, aluna do CE 11, diz que um dos motivos do seu desinteresse pelo processo sucessório se deve ao fato de ser este o seu último ano na escola. Os servidores do Centro de Ensino tentaram lançar a candidatura de Roberto Rocha, mas sua inscrição não foi aceita pela Fundação,

Alfabetizar ficou mais fácil

Uma experiência realizada pela professora Marialice De Carvalho Pitaguary, da Universidade de Brasília, está possibilitando a alfabetização de adultos em 30 horas. Os primeiros alunos Domingos de França Juvenal, 38 anos e Osmar Ferreira da Silva, 46 anos, trabalhadores rurais da Fazenda da UnB, em Águas Claras já estão conseguindo ler e escrever, apesar de não terem nenhum tipo de contato anterior com a escola formal.

"Em menos de uma semana eles apresentaram visíveis progressos", observou com entusiasmo a professora Marialice Pitaguary, lotada no Departamento de Educação da UnB. Ela descartou apenas o aspecto sensacionalista com que a experiência costuma ser abordada pela imprensa, mas reconheceu os seus processos inovadores. "Trata-se de um trabalho sério que apesar de muito rápido deveria

ter como período ideal um trimestre para a alfabetização", assinalou.

A partir dos trabalhos realizados na Vila Paranoá, onde os adultos vêm sendo alfabetizados há dois anos (Projeto Educar/MEC) a professora decidiu fazer a experiência com os dois trabalhadores rurais. Muito simples, humildes e sem terem frequentado escola, eles poderiam sustentar a hipótese defendida pela professora de que a leitura é um processo de percepção e identificação de códigos e não um processo mecânico do be-a-bá.

Método

No entanto, conforme explicou, não há um método de alfabetização. O educador apenas interfere para que a pessoa coloque o pensamento para decifrar o sistema com que a linguagem se organiza. E o processo começa pelo nome próprio, com todas as letras e a sua so-

noridade. A partir do momento em que o adulto escreve o seu nome, ele assume também a sua identidade, muda a postura e ergue a cabeça, observou Marialice Pitaguary.

Como na linha filosófica da alfabetização proposta pelo educador Paulo Freire, o indivíduo passa a ser o sujeito da aprendizagem. A diferença fica por conta da não utilização da "palavra-chave", como enxada para os rurais como valia-se Paulo Freire e também, da observância do raciocínio que existe em cada um que o coloca entre quatro estágios principais: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e finalmente, o alfabético.

Segundo detalhou a professora, no estágio pré-silábico, onde foram situados os dois trabalhadores rurais da experiência, a escrita não passa de rabiscos que vão do início ao fim do papel independentes de

estarem tentando redigir uma palavra ou uma frase inteira. No seguinte, eles já associam alguns sons a algumas letras; nas etapas seguintes, escrevem duas letras de uma palavra que têm um total de quatro, até chegarem à alfabetização, o que acontece em um tempo mínimo de 30 horas, contou.

Esta pesquisa que será apresentada ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais pela professora Marialice Pitaguary pretende contribuir para a permanência do aluno adulto nas escolas. Atualmente, a evasão chega a 60% do início ao final do ano, destacou a professora. Além disto, a pesquisa tem como principal teórica a argentina radicada no México, Emilia Ferreiro, uma pesquisadora de psicolinguística: a maneira com que as pessoas raciocinam quando se dá a aquisição da linguagem.